

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXIX nº 1641 | Novembro 2025

Tiragem desta edição 26.000 exemplares



MARCO HISTÓRICO

VIDAS NO CAMPO INSPIRADAS PELO JAA

Criado há 20 anos pelo Sistema FAEP, programa Jovem Agricultor Aprendiz já formou mais de 64 mil jovens, despertando vocações, estimulando o empreendedorismo e formando cidadãos

Aos leitores

Há 20 anos, o Sistema FAEP deu início a uma das iniciativas mais transformadoras de sua história: o Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA). O que começou como uma proposta-piloto para incentivar adolescentes do meio rural a permanecerem no campo e se prepararem para o futuro, tornou-se um movimento que molda gerações, e que hoje soma mais de 64 mil jovens formados no Paraná.

Nesta edição, celebramos duas décadas de um programa que ultrapassa o ensino técnico. O JAA desperta vocações, estimula o empreendedorismo e forma cidadãos capazes de enxergar o campo como espaço de inovação, prosperidade e realização pessoal. São histórias como a de Daniele Kloc, que participou do JAA com 15 anos e hoje é instrutora do programa, inspirando outros jovens a acreditarem no potencial do agro. Ou de tantos outros que transformaram conhecimento em oportunidades, negócios e projetos de vida.

O legado do JAA está em cada história de superação e pertencimento que começa nas salas de aula e se espalha pelas propriedades rurais do Estado. Mais do que ensinar técnicas, o programa inspira jovens a sonhar e construir um futuro no campo, com conhecimento, propósito e orgulho de suas origens. Esse é o futuro que o Sistema FAEP segue cultivando, ao lado das novas gerações que fazem do agro-negócio um espaço de oportunidades e realizações.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Álide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Ivonir Lodi, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Lisiâne Rocha Czech, Álide Eduardo Perin Meneguette e Nelson Gafuri | **Diretores-Secretários:** Livaldo Gemin e Ivo Pierin Júnior | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior e Mar Sakashita | **Conselho Fiscal:** Aristeu Kazuyuki Sakamoto, Sebastião Olímpio Santoza e Walter Ferreira Lima | **Delegados Representantes:** Álide Meneguette, Rodolfo Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Cezar Augusto Massareto Bronzel.

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Álide Meneguette | **Membros Eletivos:** Rosanne Curi Zarattini (SENAR/AC), Nelson Costa (Ocepar), Darcy Piana (Fecomercio) e Alexandre Leal dos Santos (Fetaep) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santoza (FAEP), Paulo José Buso Júnior (SENAR/AC) e Carlos Alberto Gabiato (Fetaep) | **Superintendente:** Pedro Carlos Carmona Gallego.

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos, Hélio Lacerda e William Goldbach | **Colaboração:** Larissa Rubiane de Assis | **Contato:** relacoescomimprensa@sistemafaep.org.br

Publicação mensal editada pelo Departamento de Relações com Imprensa do Sistema FAEP. Permitida a reprodução total ou parcial, citando a fonte.

Fotos da Edição 1641:

Fernando Santos, William Goldbach, Hélio Lacerda, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE



CELEBRAÇÃO

Programa JAA completa 20 anos de história incentivando o empreendedorismo e a permanência no campo

PÁG. 4

CASE DE SUCESSO

Produtor rural de Mandaguaçu diversifica negócio com auxílio dos cursos do Sistema FAEP

Pág. 3

OPORTUNIDADE

Concurso Café Qualidade Paraná aumenta procura por serviços de produtores participantes

Pág. 12

COP30

Documento do Sistema FAEP apresenta soluções da agropecuária paranaense para a agenda climática

Pág. 16

CUSTOS DE PRODUÇÃO

Levantamento do Sistema FAEP aponta situação crítica para avicultura paranaense

Pág. 20

ALERTA

Casos de raiva no Paraná reforçam necessidade de ações de controle sanitário em 30 municípios

Pág. 26

INVESTIMENTO

Produtor de Mandaguaçu amplia negócio com auxílio do Sistema FAEP

Filiado ao Sindicato Rural local, Jesus Mazzei abriu uma empresa de água mineral após participar de cursos de empreendedorismo

Desde que se aposentou da profissão de dentista, Jesus Mazzei tem se dedicado às propriedades rurais que adquiriu ao longo do tempo nos municípios de Ourizona, Mandaguaçu e Cianorte. Em cerca de 472 hectares, o agricultor cultiva, principalmente, soja e milho.

Nas tarefas diárias no campo, Mazzei tem no Sindicato Rural de Mandaguaçu um dos seus principais aliados para se manter atualizado por meio dos treinamentos do Sistema FAEP. Entre 2012 e 2024, o produtor concluiu seis cursos, que ajudaram quando resolveu diversificar os negócios e investir em uma empresa de água mineral.

“Os cursos do Sistema FAEP são voltados aos mais diversos públicos, desde pessoas que estão começando no meio rural até aquelas que já estão diretamente envolvidas na atividade. Uma das nossas missões é justamente proporcionar uma atualização constante e possibilitar que os associados dos sindicatos diversifiquem seus negócios, gerando emprego e renda no interior do Estado”, aponta Álide Eduardo Meneguette, presidente interino do Sistema FAEP.

Há décadas, Mazzei sabia do potencial de explorar a água mineral como negócio na propriedade rural que possui em Ourizona. Por isso, em 2013, deu entrada nos papéis para montar uma mineradora de água. “Foi um processo longo, que envolveu diversos trâmites burocráticos, como a construção do poço de acordo com as normas, a edificação da indústria e



as licenças de instalação e de operação. Tudo levou 10 anos, até começar de fato, em 2023”, recorda o produtor rural.

Para iniciar o envaze, Mazzei investiu prioritariamente na venda de galões de 20 litros. O negócio tomou forma ao longo do tempo, até alcançar o faturamento atual de R\$ 50 mil por mês, com a comercialização de 10 mil galões de 20 litros.

O próximo passo é investir na expansão, o que já está em andamento: novos produtos e uma estratégia de divulgação da marca estão prestes a ganhar o mercado.

“Estamos entrando no ramo de venda de água em garrafas de 500 mililitros, na linha completa, com e sem gás, com expectativa de vender 300 mil garrafas por ano, no começo”, compartilha Mazzei. “Os cursos do Sistema FAEP permitiram uma nova visão do negócio. Contribui com conhecimento e também com o planejamento de expansão”, complementa.

Atualmente, o Sistema FAEP oferece mais de 250 cursos gratuitos a produtores e trabalhadores rurais nas mais variadas áreas da agropecuária. A lista completa está no site sistemafaep.org.br, na seção Cursos.



20 anos de JAA: transformando gerações de jovens rurais

Programa do Sistema FAEP incentiva o empreendedorismo e a permanência no campo, ampliando oportunidades profissionais e valorizando o meio rural

Em 2005, uma jovem de 15 anos do município de Paula Freitas, na região Sul do Paraná, decidiu se inscrever no recém-criado Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) do Sistema FAEP. Daniele Miroslava Kloc, filha de produtores rurais, sempre teve o campo como cenário de sua infância e adolescência. Enquanto colegas buscavam outras áreas, a jovem queria provar que a mulher podia ocupar qualquer espaço no agronegócio.

"Sempre me chamou atenção que todas as mulheres optavam por outras

áreas. Tinha vontade de provar que a mulher poderia estar onde quisesse", lembra Daniele, que desde cedo, se apaixonou pelo estudo dos solos e pela gestão da propriedade. A experiência no JAA só reforçou a vocação para cursar Agronomia.

Hoje, 20 anos depois, Daniele é instrutora do próprio programa que a inspirou. Durante as aulas, ela transmite aos jovens o mesmo entusiasmo pelo campo que sentiu ainda adolescente. Além disso, toca com o marido

a propriedade da família, onde cria ovinos, caprinos, galinhas caipiras, gado de corte, e ensina ao filho a importância do trabalho rural.

"O que ajuda a inspirar esses jovens é o fato de eu estar na propriedade. Falo sobre a importância de acreditar e permanecer no campo. Eles não são apenas moradores, mas empresários rurais. É possível trabalhar com tecnologia, empreender e ainda ter uma vida conectada com a natureza", afirma **Daniele**.

64 mil

Essa é a quantidade de jovens que passaram pelo programa ao longo de 20 anos



O JAA surgiu exatamente para isso: preparar adolescentes de 14 a 18 anos para atuar com segurança, eficiência e responsabilidade no meio rural. Lançado pelo Sistema FAEP em 2005, o programa nasceu a partir de experiências-piloto em municípios como Astorga, Rolândia, Palmas e Tijucas do Sul, e, desde então, passou por constantes aprimoramentos. Hoje, oferece cursos de gestão, bovinocultura, fruticultura, mecanização, olericultura e piscicultura, além de oficinas práticas sobre agrofloresta, meliponicultura e trânsito rural, sempre com foco na aplicação prática e no desenvolvimento integral dos jovens.

"O JAA é uma das iniciativas mais transformadoras do Sistema FAEP. Em 20 anos, vimos jovens que poderiam ter deixado o campo se tornarem profissionais, empreendedores e até instrutores que multiplicam esse conhecimento. Isso mostra a força da educação para o futuro do agro-negócio e para a sucessão na propriedade", afirma Álide Eduardo Meneguette, presidente interino do Sistema FAEP.

Ao longo de 20 anos, mais de 64 mil jovens já passaram pelo programa, com uma distribuição equilibrada entre os gêneros: 50,95% homens e 49,05% mulheres. Esses números mostram o pioneirismo do JAA, refletindo o compromisso em oferecer oportunidades iguais, mostrando que, no campo, mulheres e homens têm espaço para aprender, crescer e assumir papéis de liderança.

Retorno como instrutores

Entre os exemplos de jovens que enxergaram oportunidades de carreira dentro do agronegócio a partir do JAA, está **Vinicius Romagnollo**, de São Pedro do Ivaí, na região Norte do Paraná. Filho de produtores rurais, ele morou na propriedade até os 18 anos e iniciou no JAA aos 14, em 2013, no módulo “Preparando para gestão”. “Eu já mexia com lavoura de grãos, tinha vontade de ser produtor, mas não sabia se queria fazer faculdade. Foi uma baita experiência”, lembra.

O contato com a dinâmica do agronegócio, aliado ao estímulo da instrutora, despertou em Romagnollo o interesse por uma graduação. Em 2015, aproveitou a chance de cursar o módulo específico de mecanização agrícola. “Ali decidi seguir uma faculdade em que pudesse trabalhar na área. O JAA deu visão profissional e confirmou minha escolha”, conta.

Após se formar em Engenharia Agrícola na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 2022, Romagnollo retornou ao JAA como instrutor, conduzindo turmas dos módulos “Gestão rural” – antigo “Preparando para gestão” – e “Mecanização agrícola”, além de outros cursos do Sistema FAEP. Hoje, ele concilia a atividade de instrutoria com o trabalho na propriedade dos pais, cultivando soja e milho.

“O JAA abriu minha visão para o mundo, pois foi a primeira oportunidade de sair da propriedade. Mesmo quem não vai seguir no agro leva aprendizados para a vida”, destaca Romagnollo.

Já em Prudentópolis, na região Centro-Sul do Paraná, Gian Ricardo Grechinski tinha planos de deixar o campo e fazer curso técnico em informática. Mas, no último ano do Ensino Médio, o JAA mudou o rumo de sua trajetória. Os módulos de gestão e olericultura abriram sua visão para as oportunidades do meio rural e despertaram o interesse pela Agronomia.

A experiência foi tão marcante que Grechinski ingressou na faculdade já com a meta de se tornar instrutor do Sistema FAEP. “Sempre gostei de ensinar e pensei em usar esse conhecimento para transformar a realidade das pro-



priedades rurais”, lembra. Formou-se em 2018 e, dois anos depois, voltou às salas de aula como instrutor. “É especial poder dizer aos alunos que já estive no lugar deles, com as mesmas dificuldades. Isso aproxima e mostra que o jovem pode trilhar esse caminho, basta acreditar e se dedicar”, afirma.

Hoje, além do JAA, ele atua em cursos voltados para o cultivo de morango, sua área de especialização, e se dedica à suinocultura, atividade da família há 30 anos. “O JAA também ajudou na questão da sucessão e da gestão para a viabilidade do negócio rural”, complementa.

Para Grechinski, o programa foi determinante na escolha profissional e também na forma de enxergar a propriedade rural como um negócio viável e lucrativo.

“Hoje, sei que é possível viver bem no campo, empreender em pequenas áreas e transformar a realidade local. Resumindo, o JAA prepara a nova geração para o futuro do campo”, conclui.

Mudança de rota

Para outros jovens, o programa serviu de ponto de virada. **Paola Cristine Arboit**, de Mangueirinha, no Sudoeste do Estado, entrou no JAA em 2018, planejando cursar Medicina. Apesar de ter crescido na propriedade da família, não pensava em trabalhar na área.

“Eu via o agro como algo comum da rotina da família, mas não entendia a dimensão e a importância que tem para o Brasil e para o mundo. Com o JAA,



▶ Paola Arboit ao lado da turma do JAA de Mangueirinha, em 2018

compreendi melhor esse universo e passei a valorizar ainda mais estar presente e trabalhar no campo”, conta. “Eu estava decidida a cursar Medicina, mas percebi que não me identificava com essa profissão. No JAA, conheci a função do engenheiro agrônomo e todas as áreas em que pode atuar. Então percebi que, escolhendo essa profissão, estaria fazendo algo que realmente gosto e ainda daria continuidade à nossa propriedade”, complementa.

“O JAA aproxima teoria e prática, traz aos jovens uma visão técnica daquilo que muitos já vivenciam no dia a dia, estimula a permanência nas pro-

priedades e abre espaço para inovação. É uma forma de preparar as novas gerações para enfrentar os desafios do agro e aproveitar as oportunidades que o setor oferece”, afirma.

Outra história inspiradora é a de Ellen Elaine Wojcik, de Araucária, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), que participou dos módulos de gestão do JAA em 2012 e de pecuária leiteira em 2013. Na época, Ellen acreditava que seguiria carreira na fotografia e até fez um curso na área. Apesar de ajudar a família nas atividades rurais, não se via no agro. Mas tudo mudou com a experiência no programa.

“O JAA mostrou que essa área tinha mais a oferecer do que eu imaginava. Abriu minha mente para novas possibilidades. Foi aí que dei a fotografia de lado e decidi buscar uma carreira ligada ao campo e aos animais”, conta Ellen.

Durante o programa, atividades práticas envolvendo gestão, liderança e contato direto com a agropecuária despertaram sua vocação pela Medicina Veterinária. Ela lembra do aprendizado sobre planejamento da propriedade e cuidados com os animais, como castração e manejo de bezerros, ensinamentos aplicados na propriedade da família.

“Nunca esqueço o dia em que pude colocar esse aprendizado em prática em casa: castrei meu primeiro porquinho, ajudando meu avô, que já não tinha mais condições de fazer isso por questões de saúde. Me senti realizada, porque realmente tinha habilidade e paixão para seguir nessa área”, recorda, emocionada.

Hoje, Ellen é médica veterinária, pós-graduada em clínica médica de pequenos animais, e administra uma clínica em Araucária. Recentemente, o espaço passou por uma ampliação, com mais estrutura e serviços, tornando-se referência no município e já recebendo prêmios.

Do JAA, ela guarda aprendizados que aplica até hoje, como controle financeiro, gestão da equipe e comunicação. “Esses aprendizados foram essenciais para transformar a clínica em referência”, resume. “O JAA foi a porta de entrada que transformou minhas dúvidas em propósito”, define.



Cursos:

- Gestão Rural (144h)
- Bovinocultura leiteira (104h)
- Mecanização agrícola (104h)
- Fruticultura (104h)
- Olericultura (104h)
- Piscicultura (104h)

Oficinas:

- Abelhas sem ferrão (16h)
- Agrofloresta (16h)
- Educação do trânsito rural (16h)
- Técnicas de apresentação (oratória) (16h)

Da sucessão à inovação

Entre os casos de transformação promovidos pelo JAA, também estão jovens que assumiram a sucessão das propriedades com visão profissional e inovação. Em Santana do Itararé, no Norte Pioneiro, os irmãos **Thiago e Iago Alves** transformaram a produção de leite da família em um negócio estruturado e lucrativo.

"Logo apesar comprarmos o sítio, meu pai sofreu um acidente, e eu e meu irmão tivemos que assumir a propriedade juntos com nossa mãe. A produção era pequena, o trabalho pesado, e eu não via perspectiva. Eu imaginava que, quando crescesse, teria que buscar outra forma de renda, porque era complicado se sustentar com o sítio", lembra Thiago. Na época, a família tirava leite manualmente de cinco vacas e produzia queijo para vender na cidade.

A participação no JAA, entre 2005 e 2006, foi decisiva para abrir a visão dos irmãos, que aprenderam técnicas de manejo, fluxo de caixa e gestão. "Ali eu enxerguei que poderia ter um futuro dentro da nossa propriedade como uma empresa, não apenas como um lugar para trabalhar", afirma Thiago.

Incentivado pela instrutora do JAA, Thiago ingressou no colégio agrícola de Cambará, onde se formou técnico agrícola em 2009. Já com outro olhar sobre o futuro e sem pensar em trabalhar fora, ele decidiu aplicar o conhecimento adquirido na propriedade da família, dando continuidade ao sonho do pai.

Com estudo, dedicação e outros cursos do Sistema FAEP, os irmãos ampliaram e modernizaram a produção leiteira da família. Hoje, a propriedade conta com 75 animais, sendo 35 em lactação, sala de ordenha canalizada e barracão *free stall*, com capacidade para 50 animais. A produção média é de 30 litros de leite por vaca por dia. Atualmente, Thiago também participa do programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Sistema FAEP.

"O JAA foi essencial para mudar nossa mentalidade, mostrando que, com conhecimento e trabalho em família, podemos transformar um sonho antigo em realidade. É um programa que pode mudar a vida", conclui Thiago.



"O JAA foi a porta de entrada que transformou minhas dúvidas em propósito"

*Ellen Elaine Wojcik,
médica veterinária que
cursou o JAA em 2012*

Trajetória do Jovem Agricultor Aprendiz

Mais de 5,4 mil turmas do JAA foram realizadas ao longo de duas décadas, formando a nova geração do agronegócio paranaense

TOTAL **5.406**

2025	487
2024	509
2023	435
2022	318
2021	107
2020	142
2019	270
2018	257
2017	249
2016	213
2015	208
2014	290
2013	361
2012	354
2011	327
2010	258
2009	279
2008	279
2007	37
2006	26



Total de participantes:

64.554

Masculino:

32.894 (51%)

Feminino:

31.854 (49%)

Municípios atendidos:

356

Sindicatos rurais envolvidos:

163

Certificações:

+ de 100 mil

Descobrindo a vocação no campo

Nos Campos Gerais, a vida de **Gean Augusto Vesselovitz** mudou radicalmente aos 12 anos, quando seus pais deixaram Guarapuava para iniciar a produção de leite em um sítio em Campina do Simão, em meados de 2012. Além da adaptação à rotina no campo, a família não tinha experiência na área. Até que, no primeiro ano do Ensino Médio, Vesselovitz recebeu o convite para participar do JAA do Sistema FAEP.

"O JAA foi a introdução à agronomia para mim", recorda. Durante o curso, ele começou a aplicar na propriedade os primeiros aprendizados do programa, como rotação de pastagens em piquete e indicadores de melhoria da qualidade do leite. "Eram coisas básicas, mas, como não éramos daquele meio, foram extremamente importantes", acrescenta.



Programa do Sistema FAEP fomenta inovação entre as novas gerações

Nos últimos anos, novas turmas do JAA continuam a transformar vidas e consolidar histórias de sucesso no agronegócio. No Oeste do Paraná, **Marcus Vinicius Batista da Silva**, egresso de 2017, em São João do Ivaí, e Carlos Eduardo Silva Ramos, de 2019, em Jussara, têm trajetórias distintas, mas compartilham um ponto em comum: ambos já tinham contato com o meio rural, mas ainda sem a certeza do caminho profissional.

Marcus Vinicius cresceu em uma família produtora de soja e milho e, inicialmente, pensava em cursar Engenharia Civil. Já Carlos Eduardo ajudava a mãe e o padrasto nos aviários de frangos de corte, ainda sem planos futuros. Para ambos, o JAA foi um divisor de águas.

"O programa permitiu conhecer equipamentos, culturas da região e a importância da agricultura para o Brasil e o mundo", lembra Marcus Vinicius. Além do conhecimento técnico, o JAA



também desenvolveu habilidades como comunicação, liderança e trabalho em equipe. Hoje, ele cursa Agronomia, e, graças à indicação do instrutor no JAA, trabalha como consultor na Cooperativa Cocari, onde aplica diariamente os aprendizados do programa.

Carlos Eduardo, por sua vez, viu no JAA um caminho para descobrir sua paixão pelo agro. "O programa mostrou que o campo poderia ser meu

futuro, com a valorização do jovem no meio rural", recorda. Após o JAA, ele cursou Zootecnia, que concluiu este ano, e atualmente trabalha na Cooperativa C.Vale. Além disso, é vice-presidente da Associação Brasileira de Zootecnistas Jovens. "No meu dia a dia profissional, levo do JAA lições de liderança, disciplina e a importância de ouvir os produtores", afirma.

Ambos destacam momentos marcantes do JAA que reforçaram o aprendizado prático. Marcus Vinicius lembra das gincanas finais, que uniam teoria e prática de forma divertida e colaborativa, enquanto Carlos Eduardo recorda atividades de manejo e sanidade, que, mais tarde, puderam ser aplicadas durante a graduação.

O legado do JAA é claro para os dois: transformar o contato com o campo em propósito e futuro. "A experiência mais marcante que pude ter na carreira", resume Marcus Vinicius. "O JAA me mostrou que o campo não é apenas um lugar de trabalho, mas um espaço de realização e futuro", complementa Carlos Eduardo.

Ao concluir o JAA, Vesselovitz já tinha certeza sobre sua vocação. Cursou Agronomia na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), onde se formou em 2020. Em 2019, iniciou um estágio na GDM Seeds, multinacional especializada em melhoramento genético de sementes, e, antes mesmo de receber o diploma, passou em um processo seletivo para o cargo de supervisor de desenvolvimento de produtos.

Nos primeiros anos de carreira, ele trabalhou com o desenvolvimento de novas variedades de soja para o Sudoeste do Paraná e Oeste de Santa Catarina, conduzindo ensaios a campo com dezenas de cultivares, gerenciando equipes e tomando decisões estratégicas baseadas em produtividade, sanidade e ciclo das plantas.

Essa experiência prática e a constante busca por aprendizado, inclusive no inglês, abriram portas para oportunidades internacionais. Em 2022, ele participou de um intercâmbio nos Estados Unidos pela empresa, onde visitou propriedades em 12 Estados ao longo de 50 mil quilômetros. "Foi um período



JAA forma jovens para o futuro do campo paranaense

O Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) foi criado pelo Sistema FAEP para atender à demanda por capacitação profissional de jovens inseridos no meio rural paranaense. Inicialmente voltado para filhos de agricultores, o programa oferece formação prática e teórica, preparando-os para desempenhar atividades agropecuárias de forma qualificada e consciente.

As primeiras turmas-piloto, realizadas em 2004, permitiram identificar desafios, como evasão escolar e dificuldade de contratação, além de apontar soluções eficazes, como parcerias com universidades e a melhoria da infraestrutura. Desde então, o JAA passou por constantes atualizações, ampliando conteúdo, carga horária e módulos especializados, sempre alinhado às necessidades da juventude rural e à realidade das propriedades familiares.

O programa combina formação em gestão rural com módulos específicos, preparando os jovens para o mer-

cado de trabalho. No JAA, os participantes adquirem não apenas conhecimento técnico, mas também habilidades de liderança e empreendedorismo, podendo escolher áreas de atuação compatíveis com seus interesses e com a cadeia produtiva regional.

Em 2023, o programa ampliou suas ações com oficinas educativas, fortalecendo habilidades práticas e desenvolvimento pessoal. Com isso, o programa busca desenvolver conhecimentos e atitudes que contribuem para a qualidade de vida, a participação social e o crescimento sustentável das comunidades rurais.

"O JAA prioriza metodologias ativas, estimulando a participação, a construção coletiva do conhecimento e a aplicação prática do aprendizado. As aulas criam um ambiente de confiança e acolhimento, propício ao desenvolvimento de cada participante", resume Márcia Pereira Salles, técnica do Sistema FAEP responsável pelo programa. "Com mais de 20 anos de história, o JAA consolidou-se como referência nacional na formação de jovens rurais, promovendo inovação, sustentabilidade, valorização cultural e desenvolvimento profissional no meio rural paranaense", conclui.

NOTAS



Patrulha Rural em Guarapuava

No dia 5 de novembro, o Sindicato Rural de Guarapuava sediou a reunião sobre a Patrulha Rural e as normas para o trânsito de máquinas agrícolas. O encontro contou com a presença de 80 pessoas, entre produtores rurais, representantes de prefeituras, vereadores, membros de conselhos municipais de segurança e entidades parceiras, dos municípios de Guarapuava, Rio Azul, Laranjeiras do Sul, Inácio Martins, Turvo, Pinhão, Cantagalo e Laranjal. Representantes do Sistema FAEP também estiveram no evento.

Sistema FAEP no Conselho do CIBiogás

Em 13 de outubro, o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette, foi eleito para o Conselho de Administração do CIBiogás (Centro Internacional de Energias Renováveis – Biogás). O suplente é Edio Luiz Chapla, presidente do Sindicato Rural de Marechal Cândido Rondon. A participação reforça o compromisso do Sistema FAEP, associada fundadora e mantenedora da instituição.



CEMF em Alagoas

A Comissão Estadual de Mulheres da FAEP (CEMF) marcou presença no 3º Encontro das Mulheres do Agro de Alagoas, que reuniu 1,7 mil produtoras rurais, de 102 municípios alagoanos. A iniciativa, promovida pela Comissão das Mulheres do Agro de Alagoas, fortalece o protagonismo feminino no agronegócio, com palestras, painéis e pitches de produtoras mostrando seus negócios. Criada pelo Sistema Faeal/Senar, a comissão atua na valorização da mulher no setor, promovendo liderança, inovação e empreendedorismo.



Homenagem a Louis Baudraz

A Câmara Municipal de Rolândia entregou, em 16 de outubro, a Comenda "Ordem do Mérito Roland", maior honraria do município, ao produtor rural Louis Baudraz, por iniciativa do vereador Andrezinho da Farmácia. Nascido na Suíça, em 1937, Baudraz vive em Rolândia desde 1959 e atua no setor agropecuário, com destaque na produção leiteira. Fundador da Baudraz Agropecuária, o empresário foi reconhecido pela contribuição ao desenvolvimento econômico e social do município e por fortalecer a pecuária leiteira local, consolidando Rolândia como referência estadual na atividade.

Premiados do Concurso Agrinhol 2025

O Agrinhol premiou estudantes de todo o Paraná em diversas categorias, como Desenho, Redação, Experiência Pedagógica, Escola Agrinhol, Município Agrinhol e Relatório de Pesquisa – Colégio Agrícola. Além dessas, já divulgadas na edição especial do Boletim Informativo, o concurso premiou outras categorias que também merecem destaque, como Robótica, Programação, AgroRobótica e Embaixadores. O Concurso Agrinhol valoriza criatividade, inovação e conexão entre campo e cidade. Confira todos os vencedores no QR Code ao lado.



Concurso Café Qualidade Paraná alavanca negócios com o grão especial

Produtores envolvidos com a iniciativa relatam *boom* na procura por seus produtos. Premiação deste ano está marcada para 25 de novembro

9,5 gramas

Essa é a quantidade de café por xícara na etapa do *cupping*, quando avaliadores atribuem notas para aroma, sabor, acidez, corpo e doçura



A **família Carvalho** começou a produzir café em 2012, quando comprou uma propriedade rural no município de Wenceslau Braz, no Norte Pioneiro. Em cerca de 11 hectares, eles iniciaram a plantação do grão focada em qualidade. No início, o casal Edson Messias de Carvalho e Sirlei de Fátima da Cruz Carvalho puxou à frente, já que os filhos Natan Miguel da Cruz Carvalho e Carlos Gabriel Cruz de Carvalho ainda eram pequenos. Hoje, a mudança para o sítio deu tão certo que a família inteira passou a se envolver na produção e no beneficiamento do café da marca própria: Santana Coffee.

Com o passar do tempo, o resultado do esforço dos Carvalho começou a aparecer, em boa parte, por causa do Concurso Café Qualidade Paraná (leia mais na página 14). Desde 2013, a família esteve 15 vezes entre os destaques da premiação, e este ano não é diferente. A cada edição do concurso, a procura pela família Carvalho registra aumento expressivo.

“Nosso negócio é focado no café especial. Constantemente aprimoramos os métodos de produção, tanto que, atualmente, 70% dos nossos grãos são classificados na categoria especial”, compartilha Natan, que além de produtor é engenheiro agrônomo. “A média de cafés especiais em uma lavoura costuma ficar próxima dos 15% da produção total. Qualquer número acima é um resultado muito bom”, destaca Denilson Fantim, especialista em café do Instituto de Desenvolvimento Rural (IDR-Paraná) e responsável pela coleta das amostras dos participantes do Concurso Café Qualidade Paraná.

O casal Maristela Fátima da Silva Souza e Valdeir Luiz de Souza, de Pinhalão, também comanda uma propriedade no Norte Pioneiro focada em cafés especiais. Os dois sempre

estiveram ligados à produção de café, mas a virada de chave ocorreu em 2013, quando surgiu a Associação dos Produtores e Produtoras de Café Especial do Matão. A partir de então, o manejo de cada etapa da produção passou a ser aprimorado para obter qualidade. A partir de 2017, os troféus começaram a chegar, inclusive, no Concurso Café Qualidade Paraná.

“O prêmio aumentou a nossa visibilidade e, consequentemente, o lucro. Nós focamos no café especial e tem dado resultado. Nosso produto está em diversas cafeteria famosas em Curitiba e outras cidades”, revela Valdeir. “Todo ano, quando o pessoal vem coletar a amostra para o prêmio, ficamos na expectativa. Existe aquele nervosismo para saber se o trabalho do ano gerou um bom resultado e se estaremos entre os melhores cafés do Estado”, completa **Maristela**.



Concurso Café Qualidade Paraná

A premiação promovida pela Câmara Setorial do Café do Paraná, formada pelo Sistema FAEP, Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab), IDR-Paraná e Associação dos Engenheiros Agrônomos de Londrina, é a terceira maior do gênero no Brasil, atrás apenas de concursos realizados em Minas Gerais e Espírito Santo, maiores produtores nacionais de café. Na sua 23ª edição, a competição envolve a análise de centenas de amostras separadas por produtores de café paranaenses, que separam seus lotes para submeter à avaliação.

Uma novidade da premiação deste ano, marcada para 25 de novembro, em Curitiba, será a promoção de uma sessão de *cupping* (espécie de degustação) entre produtores e cafeteriais, com a intenção de gerar negócios.

“Participar de uma premiação desta relevância é uma oportunidade para o produtor ampliar o reconhecimento do seu café e agregar valor à sua produção. O café de alta qualidade tem se tornado uma marca registrada do campo paranaense, conquistando os paladares mais sofisticados do Brasil e do mundo”, ressalta o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette.

“O café de alta qualidade tem se tornado uma marca registrada do campo paranaense, conquistando os paladares mais sofisticados do Brasil e do mundo”

**Ágide Eduardo Meneguette,
presidente interino do Sistema FAEP**



Processo de avaliação contabiliza diversas etapas técnicas

A cada edição, o processo de avaliação do Concurso Café Qualidade Paraná começa nas propriedades rurais, com a coleta das amostras. O primeiro passo é a chegada do técnico do IDR-Paraná ao local, onde organiza os materiais necessários para a coleta da amostra da saca de 60 quilos do café inscrito. Após verificar as condições de armazenagem, a sacaria é aberta para a retirada de dois quilos de grãos *in natura*, que são pesados, identificados e lacrados. A amostra segue diretamente para o laboratório do IDR-Paraná, em Londrina, onde passa por uma série de análises rigorosas. No laboratório, os procedimentos seguem padrões internacionais definidos pela Associação de Cafés Especiais (SCA).

“As amostras são codificadas, garantindo que o processo de avaliação ocorra de forma imparcial, sem identificação dos produtores”, enfatiza Romeu Gair, extensionista no IDR-Paraná, em Londrina. Os grãos passam por um quarteador, que assegura a homogeneização do material e, em seguida, 10 gramas do produto são peneirados. Cafés com vazamento superior a 5% na peneira 16, ou acima, são desclassificados. O teor de umidade também é verificado, não podendo ultrapassar 11,5%.

Na etapa seguinte, a classificação física é um processo manual conduzido por especialistas do IDR-Paraná. “Fazemos uma análise criteriosa, em fundo preto e com iluminação es-

pecial. Isso possibilita a identificação e contagem dos defeitos dos grãos, o que exige atenção e experiência do nosso time de técnicos qualificados”, completa José Alves, técnico agrícola do IDR-Paraná.

Apenas depois da classificação ocorre o processo da torra. Todas as amostras passam por esse procedimento conduzido pelo mesmo profissional (mesmo que o processo entre madrugada adentro), o que garante o controle preciso da técnica e da temperatura. O aroma de café recém-torrado toma conta do laboratório e anuncia a fase mais esperada: a prova de xícara, conhecida como *cupping*.

As amostras são pesadas, moídas e preparadas na proporção de 9,5 gramas de café torrado e moído por xícara, com a adição de água quente. Os avaliadores utilizam fichas padronizadas para atribuir notas a critérios pré-estabelecidos, como aroma, sabor, acidez, corpo e docura, seguindo os parâmetros da SCA. Os dados são compilados e o resultado é mantido em sigilo até o dia da premiação, momento em que os melhores cafés do Paraná são revelados e celebrados.

“O Café Qualidade Paraná se consolidou, com o passar do tempo, como um instrumento de desenvolvimento e reconhecimento, sempre inovando e aprimorando os aspectos técnicos envolvidos. Nesse trabalho, do qual o Sistema FAEP faz parte, estamos ajudando a transformar o café paranaense em referência nacional quando o assunto é excelência e qualidade”, avalia Lucian de Souza, técnico do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP.

Sistema FAEP lança documento para COP30 com as ações do agro do Paraná

Soluções da agropecuária estadual para a agenda climática serão levadas ao evento da ONU, que acontece em Belém, a partir de 11 de novembro



A escolha de uma potência agropecuária mundial como o Brasil para sediar a 30ª Conferência das Partes (COP30) da Organização das Nações Unidas (ONU) comprova a importância da produção rural para a agenda climática mundial. Durante o evento, a agropecuária estará no centro das discussões, principalmente pelas contribuições para enfrentar as mudanças climáticas que ameaçam os meios urbano e rural.

Dante deste cenário, o compromisso do setor agropecuário do Paraná com a sustentabilidade está condensado em um documento que o Sistema FAEP levará à COP30, em Belém, no Pará, a partir do dia 11 de novembro. O material, construído com a participação de diversos especialistas da entidade, elenca as "Soluções da agropecuária paranaense para a agenda climática".

A listagem é longa e abrange, entre outros pontos, técnicas sustentáveis de manejo, capazes de mitigar as emissões de CO₂, práticas voltadas ao uso racional de tecnologias e insumos, que colocam a produção estadual em linha com os desafios globais de produção sustentável. Parte deste trabalho é desconhecido pelo público urbano, de modo que outro objetivo do documento do Sistema FAEP é dar visibilidade à atuação do meio rural, principalmente na conservação dos recursos naturais.

"A prática agropecuária envolve a proteção do meio ambiente no dia a dia. Nenhuma classe profissional tem maior vocação para proteger a natureza, o solo, a água, a fauna e a flora do que o produtor rural. A preocupação com a conservação e a sustentabilidade está presente em todas as nossas



ações, como demonstra esse documento", destaca o presidente interino do Sistema FAEP, **Álide Eduardo Meneguette**. "É essa mensagem que o setor agropecuário do Paraná vai levar à COP30. Afinal, a agricultura e a pecuária fazem parte da solução para as mudanças climáticas", complementa.

De acordo com o dirigente do Sistema FAEP, o fato de o setor agropecuário apresentar um documento deste calibre na COP30 representa a disposição legítima em participar da discussão global. Ou seja, a realização da Conferência em solo brasileiro traz a oportunidade para reconhecer as contribuições da agricultura e da pecuária para o enfrentamento das mudanças do clima.

"Com a força, importância e preocupação que o agronegócio tem, não podemos nos ausentar dessa discussão. Temos diversos ativos para apresentar na Conferência. Então, vamos lá contribuir", ressalta Meneguette. "Vale lembrar que o clima é apenas um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável [ODS] da ONU. Temos outros pontos, como o ODS 2, que trata de acabar com a fome, e o ODS 7, que envolve energia limpa e acessível, que comprovam como somos parte indispensável da solução desses desejos", avalia.

Documento para a sustentabilidade

A primeira parte do documento envolve a análise detalhada sobre a distribuição das áreas e as características de produção paranaense. Na sequência, estão elencadas as tecnologias que compõem a agricultura de baixo carbono, utilizadas amplamente no Paraná.

"O nosso Estado pode ser considerado praticante da agricultura mais sustentável do mundo", afirma Daniel Rosenthal, produtor rural em Rolândia e vice-presidente da Federação Brasileira de Plantio Direto, referindo-se ao Sistema de Plantio Direto na Palha (SPD).

Essa prática, que teve sua gênese no Brasil pelas mãos dos pioneiros paranaenses Herbert Bartz, Nonô Pereira e Frank Dijkstra, se baseia em três pilares: mínimo revolvimento da terra, cobertura permanente do solo e rotação de culturas. "Esse sistema possibilita o sequestro do carbono atmosférico. Outra vantagem é o combate à erosão. Ainda, como o solo fica encoberto 365 dias por ano, temos atividade biológica", destaca Rosenthal.

Na sequência, o documento elaborado pelo Sistema FAEP elenca diversas estratégias para ampliar a descarbonização da atividade agropecuária que já estão em andamento no Estado. Essas medidas incluem desde programas de crédito rural sustentável, passando por projetos como o mapeamento dos recursos hídricos do Paraná, até as capacitações do Sistema FAEP que estão alinhados aos ODS da Agenda 2030 da ONU. Atualmente, o Sistema FAEP adotou os ODS nos seus cursos de formação, além dos materiais didáticos e certificados.

Outros programas do Sistema FAEP em sinergia com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e que estão no documento são a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), a Comissão Estadual de Mulheres da FAEP (CEMF), o Programa Movido pelo Agro e o Novo Arranjo de Pesquisa e Inovação Prosolo (Napi-Prosol). Todos promovem ações e/ou pesquisas de campo em busca de soluções concretas para a conservação do solo e de água no meio rural.

"O nosso objetivo é mostrar de que forma a agropecuária paranaense contribui para as metas estipuladas pela ONU. Boa parte da sociedade ainda não conhece esse papel do agro na mitigação do efeito estufa e do aquecimento global. Ou seja, precisamos dar voz a essas diversas práticas da agricultura do Paraná que se relacionam com a agenda da sustentabilidade e, de forma mais ampla, com a agenda climática", finaliza Meneguette.

Árvore de Natal: símbolo que atravessa séculos

De cultos antigos à tradição cristã, pinheiro se transformou em um dos maiores símbolos das festas de fim de ano

Quando chega dezembro, milhões de casas em todo o mundo ganham um mesmo símbolo: uma árvore decorada com bolas, luzes e enfeites. Natural ou artificial, a árvore de Natal é um ícone das comemorações natalinas. Mas suas raízes são mais antigas que o próprio cristianismo e estão ligadas a rituais pagãos e ao culto à natureza.

Desde a Antiguidade, árvores foram associadas à vida, fertilidade e prosperidade por diferentes povos. No Egito, palmeiras eram usadas em rituais em homenagem a Rá, o deus Sol, enquanto os romanos antigos decoravam templos com ramos verdes durante a Saturnália, festival realizado em dezembro em homenagem ao deus Saturno. Já nas regiões do Norte da Europa, onde o inverno era rigoroso, as árvores que permaneciam verdes durante o ano, como pinheiros e azevinhos, simbolizavam a vitória da vida sobre a morte e da luz sobre as trevas.

Com a expansão do cristianismo, essas tradições foram ressignificadas: a árvore passou a representar a vida eterna e a criação divina. Lendas medievais mencionam a “Árvore do Paraíso”, símbolo do Jardim do Éden, que aparecia nas peças teatrais encenadas em 24 de dezembro, decorada com frutas, rosas e outros elementos religiosos.

A origem exata da árvore de Natal moderna é debatida. Estônia e Letônia disputam o título de pioneiras na criação da primeira árvore decorada, mas não há consenso entre os historiadores. Apesar das controvérsias, foi na Alemanha que o costume ganhou força, a partir do século 16. Segundo a tradição, Martinho Lutero, líder da Reforma Protestante, teria iluminado um pinheiro com velas após se encantar com o brilho das estrelas em uma noite de inverno.

Nos séculos seguintes, a prática se espalhou entre as famílias germânicas e protestantes, chegando à corte britânica pela rainha Charlotte, de origem alemã. No século 19, a rainha Vitória e seu marido, o príncipe Albert – também alemão –, exibiram uma árvore decorada no palácio real britânico. A cena da família reunida ao redor da árvore foi

publicada em 1848, pelo jornal *Illustrated London News*, popularizando o costume em todo o Império Britânico. Nos Estados Unidos, imigrantes alemães levaram a tradição, que se consolidou após 1850, quando a revista *Godey's Lady's Book* reproduziu a imagem da família real.

O século 19 também marcou a inovação na decoração: em 1847, na cidade de Lauscha, na Alemanha, surgiram as primeiras bolas de vidro. No final do mesmo século, começaram a ser produzidas árvores artificiais de penas de ganso tingidas. A eletricidade trouxe as primeiras árvores iluminadas em 1882, seguidas por versões artificiais de cerdas de pincel, nos anos 1920 e 1930. Nas décadas de 1950 e 1960, o alumínio e o plástico dominaram os enfeites, incluindo a estrela que remete à Estrela de Belém, referência ao nascimento de Jesus.

Além das tradições centrais, cada país moldou a árvore de Natal à sua maneira. Nos Estados Unidos, a primeira Árvore Nacional foi acesa em 1923, seguida, dez anos depois, pela inauguração da árvore do *Rockefeller Center*, em Nova York, que se tornou um ícone mundial. Desde 1947, a Noruega envia anualmente uma árvore para *Trafalgar Square*, em Londres, como agradecimento pelo apoio britânico na Segunda Guerra Mundial. Já na Rússia, a tradição foi proibida após a Revolução de 1917, como parte de uma campanha contra a religião e os costumes considerados “burgueses”. Ainda assim, muitas famílias continuaram a decorar árvores em segredo, até que a prática foi ressignificada e transformada em celebração laica de Ano Novo, a partir da década de 1990.

Atualmente, a árvore de Natal é um símbolo universal, religioso, cultural e também comercial. Em casas, praças e centros urbanos, continua carregando o mesmo significado de esperança, renovação e reunião familiar. Dos rituais pagãos à corte britânica, passando por Lutero e pelo *Rockefeller Center*, sua história atravessa séculos e culturas, conectando tradição e modernidade e permanecendo como um dos mais duradouros símbolos do espírito natalino.



Descompasso entre custos e remuneração ameaça avicultura

Receita dos produtores rurais não é suficiente para cobrir custos totais, colocando em risco a permanência na atividade

O Paraná é uma superpotência nacional na produção de frangos de corte. Os números falam por si: o Estado responde por um terço dos abates do país, produzindo quase 2,3 bilhões de cabeças em 2024, movimentando cifras da ordem de R\$ 31 bilhões. Toda essa pujança do setor, no entanto, não tem chegado aos produtores rurais. As receitas dos avicultores mal cobrem os custos diretos, o que representa um risco para a atividade em médio e longo prazos.

É o que aponta o levantamento de custos de produção elaborado pelo Sistema FAEP. O estudo é elaborado seguindo a metodologia própria e embasado por dados fornecidos por avicultores de todas as regiões do Estado. Os produtores foram ouvidos em painéis realizados em cada uma das 14 Comissão de Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs) do Paraná, abrangendo os polos produtivos do Estado. Os resultados representam as médias por tamanhos de modais e classificação do frango, pesado ou *griller*, conforme o cenário das integrações.

Segundo os técnicos Caroline da Costa e Fábio Mezzadri, do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP, os dados “revelam um cenário preocupante para a sustentabilidade da atividade”. Segundo o relatório, em praticamente todas as integrações,

as receitas obtidas pelos avicultores com a entrega das aves e com a venda de cama de aviário cobriram apenas os custos variáveis – ou seja, os desembolsos para produzir o lote de frangos.

O levantamento revelou que os produtores rurais ficaram no vermelho no que diz respeito ao custo fixo (que leva em conta as depreciações de máquinas, equipamentos e instalações) e o custo total (que se consolida como um índice de longo prazo para a atividade). Isso implica em saldos negativos anuais para cada produtor, que variam entre R\$ 89 mil e R\$ 217 mil, o que compromete a depreciação de instalações e a capacidade de investimento.

“Ano após ano, as condições dos produtores estão se complicando, com a atividade ficando mais no vermelho”, diz o presidente da Comissão Técnica de Avicultura do Sistema FAEP, Diener Santana. “Os reajustes que os produtores estão recebendo não acompanham os custos de produção, que têm aumentado acima. Isso agrava o vermelho”, acrescenta.

Ainda, o DTE do Sistema FAEP estabelece uma comparação com os resultados de 2024. Segundo os técnicos, ao longo de um ano, houve um aumento nos custos variáveis, que oscilou entre 5% e 15%, conforme a região. O que mais pesou foram os valores da mão de obra, dos custos de manutenção e da energia elétrica.



R\$ 217 mil

Esse é o saldo negativo anual do produtor, envolvendo os custos fixo (depreciações de máquinas, equipamentos e instalações) e total (índice de longo prazo para a atividade)

“Esses fatores [de aumento] são influenciados pela inflação, demandas regulatórias e exigências de bem-estar animal”, destaca Caroline, do DTE. “Esta realidade ameaça a viabilidade da cadeia produtiva paranaense, um dos pilares do agronegócio brasileiro, com potencial impacto em empregos rurais, suprimento de insumos e exportações”, complementa Mezzadri.

O presidente da CT de Avicultura ressalta uma distinção dentro da atividade. Os aviários mais novos, em regra, recebem adicionais. Os galpões mais antigos, no entanto, não ganham qualquer complementação. “Os modais novos têm incentivo para que o produtor se viabilize. Os mais antigos não têm. É só a remuneração seca”, aponta Santana.

Há oito anos na atividade, o avicultor **Luís Guilherme Geraldo** mantém quatro galpões, alojando 160 mil aves, em Jaguapitã, no Norte do Paraná. Além dele, o pai e dois colaboradores atuam diretamente na produção de frangos de corte,

na propriedade. “Realmente, a avicultura está em bom momento, principalmente no mercado de exposições. Mas o lucro fica todo na integração”, ressalta.

Ao longo do ano, por meio de negociações na Cadec, os produtores conseguiram reajustes de 7,5%, que minimizaram os prejuízos acumulados em anos anteriores. Geraldo pretende ampliar a produção para diluir os custos, mas sabe dos riscos implicados na operação.

“Apesar dos cenários econômico e político desafiadores, o produtor continua investindo. Esperamos que a avicultura siga em alta. O frango brasileiro é bem-visto no mercado internacional por nossas boas práticas sanitárias. Continuamos realizando diversos estudos para auxiliar nossos produtores rurais”, afirma o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette. “Nosso papel é dar esse suporte aos avicultores nas negociações de preços e custos junto às empresas integradoras em reuniões das Cadecs”, complementa.



Empresas cobram investimentos de produtores, mas remuneração é insuficiente

Um agravante à condição dos avicultores integrados envolve as exigências das empresas em relação a investimentos constantes nos aviários. Segundo os produtores rurais ouvidos pela reportagem do Boletim Informativo, as integradoras têm demandado atualizações constantes nos aviários, principalmente no que diz respeito a automação dos galpões e a aspectos sanitários. O valor pago aos produtores, no entanto, inviabiliza tais investimentos, pressionando cada vez mais os avicultores.

“Há uma pressão enorme por investimentos e melhorias nos aviários justamente para proporcionar lucros à integradora e manter a excelência do padrão sanitário na criação das aves”, diz o produtor **Maurício Gonçalves Pereira**.

“Temos que investir somas significativas para manter a ótima qualidade dos frangos, o que proporciona um primor sanitário e a conquista do produto em países que bem remuneram a carne de frango, mas não somos remunerados na mesma medida”, acrescenta.

Os aviários na propriedade de Pereira têm 11 anos, em São Tomé, município vizinho a Cianorte, Noroeste do Paraná. Apesar de ter feito inúmeras melhorias, ainda há uma série de investimentos que precisa ser feita. “Em um dos fornos, preciso substituir o sistema de aquecimento e nos outros é necessária a substituição das cortinas para a melhoria na circulação. Fora isso, constantes são os gastos com a manutenção da estrutura dos aviários”, aponta o avicultor. “Dada a necessidade incessante de investimentos, esta manutenção tem sido um problema sério para o produtor, visto que a remuneração não tem sido suficiente para que façamos todos os desembolsos necessários e exigidos pela integradora”, aponta.

Avicultor há 12 anos, Pereira também dois aviários com capacidade global de alojar 65 mil aves. Ele detalha



que a renda dos produtores está diretamente relacionada à questão estrutural e às exigências das integradoras. Ele está prestes a fazer novos investimentos. “Preciso investir mais no aumento da capacidade de geração de energia fotovoltaica, já que a produção atual está sendo insuficiente. O valor da energia elétrica oscila e isto impacta diretamente no custo de produção”, diz.

Outro produtor, Eliandro Végian Carneiro, também aponta que as instalações são determinantes para a equalização da atividade. Ele administra uma propriedade localizada em Éneas Marques, no Sudoeste do Paraná, em que mantém um avário com capacidade para alojar 27 mil aves. Ele avalia os riscos que os elevados custos e necessidades constantes de investimentos implicam ao setor.

“Tem que buscar por tecnologia e formas de reduzir os custos entre os lotes para poder se manter na atividade. É ‘bruto’ investir aproximadamente R\$ 1,5 milhão em um barracão e saber que

terá essa dívida por longos dez anos ou mais”, aponta Carneiro. “Em aviários mais novos, com mais tecnologia ou onde se tem mais de um avário, consegue equilibrar, mas os custos de manutenção subiram muito”, diz.

De acordo com Luiz Guilherme Geraldo, quem tem estrutura mais defasada passa a ser pressionado a modernizar os galpões, mesmo que a remuneração não permita novos investimentos. “Os donos de aviários mais novos recebem um incentivo para estar sempre melhorando os galpões. Mas quando se trata de um avário mais antigo, o produtor é cobrado a investir um dinheiro que não tem. Só se fizer essa modernização é que vai receber algum incentivo”, afirma.

“Desejamos a melhoria das condições de remuneração para que possamos nos manter vivos e ativos na produção”, diz Pereira. “O próximo ano é uma incógnita. Com os juros altos em ano de eleição, não vejo uma melhora a curto prazo”, conclui Carneiro.

Confira os conceitos-chave da metodologia do levantamento dos custos de produção

CUSTO VARIÁVEL



Itens que geram desembolso direto do produtor para a produção do lote e variam de acordo com o nível de produção da atividade

CUSTO OPERACIONAL



Considera o Custo Variável acrescido da depreciação

CUSTO FIXO



Ocorre independentemente da produção. Consideradas as depreciações de máquinas, equipamentos e edificações e a remuneração do capital investido na atividade

CUSTO TOTAL



Soma dos Custos Variável e Fixo

Fonte: Sistema FAEP

Modais utilizados no levantamento de custos de produção da avicultura – outubro/2025

Durante o trabalho, foram levantados dados nas seguintes localidades e tipos de aviários*

REGIÃO SUDOESTE

Dois Vizinhos

- 100x12m 1
- 150x16m 1



é um modo diferenciado na produção, que leva, apenas, cerca de 30 dias até o abate

REGIÃO OESTE

Toledo

- 150x16m 2
- 150x16m 4
- 130x14m 2



é o modo convencional na produção, no qual o frango leva cerca de 45 dias até o abate

REGIÃO CENTRO-OESTE

Campo Mourão

- 150x14m 2
- 165x18m 2

ITAPEJARA D' OESTE

Santo Inácio

- 100x12m 1
- 100x12m 1
- 140x14m 1

REGIÃO NOROESTE

Cianorte

- 150x16m 2
- 200x18m 2

JACAREZINHO

REGIÃO NORTE PIONEIRO

- 125x12m 2
- 140x14m 2
- 165x18m 2

JAGUAPITÁ

- 150x16m 1
- 150x16m 1

REGIÃO CENTRO ORIENTAL

Carambeí

- 100x12m 2
- 150x16m 2
- 150x16m 4

* Medida(s) do(s) barracão(ões) em metros

Quantidade de galpões

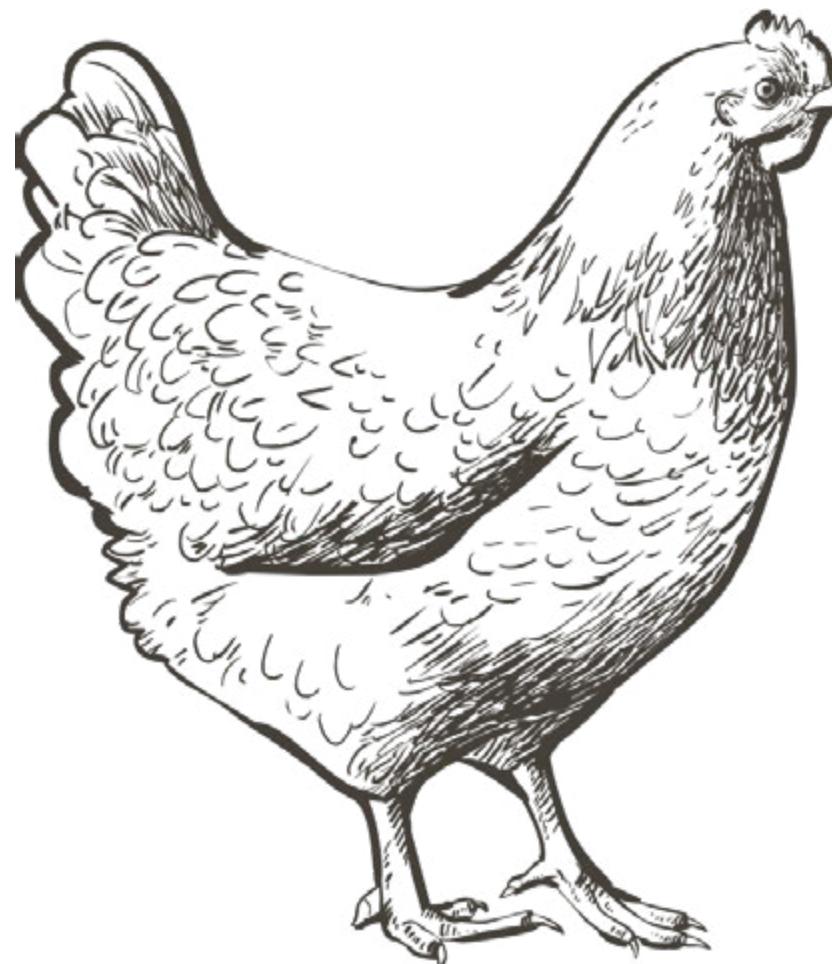
Raio-x da avicultura

Veja os principais resultados apontados pelo levantamento, divulgado em outubro deste ano, em algumas das regiões produtivas

Frango griller (R\$ por lote/aviário)

REGIÃO SUDOESTE		
DOIS VIZINHOS		
Tamanho (metros)	100x12 [1 galpão]	150x16 [1 galpão]
Quantidades de aves por lote	22.000	45.000
DESPESAS		
Custo Variável	R\$ 13.597,87	R\$ 24.284,49
Custo Operacional	R\$ 19.467,16	R\$ 36.521,87
Custo Total	R\$ 22.626,67	R\$ 43.180,89
RECEITAS		
Receita Total	R\$ 10.673,07	R\$ 21.075,43
RESULTADOS		
Saldo sobre custo total	-R\$ 11.953,60	-R\$ 22.105,46

NORTE		
JAGUAPITÁ		
Tamanho (metros)	165x18 [1 galpão]	
Quantidades de aves por lote	58.000	
DESPESAS		
Custo Variável	R\$ 26.680,82	
Custo Operacional	R\$ 41.627,02	
Custo Total	R\$ 61.687,48	
RECEITAS		
Receita Total	R\$ 46.225,68	
RESULTADOS		
Saldo sobre custo total	-R\$ 15.461,81	



Planilhas

Para consultar as planilhas completas do levantamento dos custos de produção da avicultura do Sistema FAEP, acesse o site sistemafaep.org.br ou no QR Code ao lado.



Fonte: DTE/Sistema FAEP

Frango pesado (R\$ por aviário)

REGIÃO OESTE			
TOLEDO			
Tamanho (metros)	150x16 [2 galpões]	150x16 [4 galpões]	130x14 [2 galpões]
Quantidades de aves por lote	33.000	33.000	25.480

DESPESAS			
RECEITAS			
RESULTADOS			
Custo Variável	R\$ 38.251,69	R\$ 37.480,36	R\$ 24.097,05
Custo Operacional	R\$ 54.790,76	R\$ 54.013,55	R\$ 34.274,11
Custo Total	R\$ 73.276,87	R\$ 71.698,48	R\$ 49.535,26
Receita Total	R\$ 45.289,75	R\$ 45.289,75	R\$ 41.924,60
Saldo sobre custo total	-R\$ 27.987,12	-R\$ 26.408,67	-R\$ 7.610,66

REGIÃO NOROESTE		
CIANORTE		
Tamanho (metros)	150x16 [2 galpões]	200x18 [2 galpões]
Quantidades de aves por lote	30.000	40.000

DESPESAS		
RECEITAS		
RESULTADOS		
Custo Variável	R\$ 32.600,19	R\$ 40.255,02
Custo Operacional	R\$ 47.825,45	R\$ 60.750,30
Custo Total	R\$ 67.082,97	R\$ 87.704,70
Receita Total	R\$ 49.476,67	R\$ 92.264,67
Saldo sobre custo total	-R\$ 17.606,21	R\$ 4.560,06

Com registros no Paraná, raiva exige cuidados nas propriedades

Controle sanitário adotado envolve a vacinação obrigatória em 30 municípios. Saiba como identificar e o que fazer se a doença afetar o rebanho



227

Esse é o número de focos de raiva registrados no Paraná em 2024, sendo mais da metade nas regionais de Cascavel e Laranjeiras do Sul

O Paraná tem registrado casos de raiva herbívora em rebanhos de animais de produção, o que acende o alerta para a necessidade de ações de controle da zoonose (doença infecciosa transmitida entre animais e seres humanos). Por isso, as autoridades sanitárias, com apoio do Sistema FAEP e produtores rurais, têm promovido uma série de medidas de controle, como vacinação obrigatória, reforço na vigilância e campanhas de educação.

“Nas últimas décadas, o Sistema FAEP investiu, de forma sistemática, na sanidade animal e na segurança das atividades agropecuárias. Agora, nas ações contra a raiva, não é diferente. Temos colaborado ativamente nas campanhas de disseminação de informações e de conscientização. É preciso ampliar a importância do controle dessa doença e garantir a proteção dos nossos rebanhos comerciais”, enfatiza o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette.

A presença da raiva no Paraná é recorrente, o que exige atenção constante dos produtores. Porém, há uma região que concentra boa parte dos casos. Em 2024, o Estado confirmou 227 focos de raiva, sendo mais da metade em propriedades localizadas na área de abrangência das regionais de Cascavel e Laranjeiras do Sul. A situação se repete em 2025. Até setembro, já foram contabilizados 166 focos em 41 municípios, sendo 81 na região Oeste.

De acordo com chefe do Departamento de Saúde Animal da Agência Estadual de Defesa Agropecuária (Adapar), Rafael Gonçalves Dias, esse número elevado motivou a publicação da Portaria 368/2025, que torna obrigatória a vacinação contra raiva em 30 municípios da região Oeste do Paraná (veja a lista na página seguinte) para bovinos, búfalos, cavalos, asnos, mulas, ovinos e caprinos a partir de três meses de idade.

“Simultaneamente, intensificamos a mobilização com o projeto ‘Adapar Educa a Campo’, que tem percorrido municípios da região para fortalecer a conscientização e engajamento local. Essas ações visam a contenção de focos ativos e a prevenção em áreas vizinhas para evitar a expansão da doença”, detalha Dias.

Em outubro, o órgão e o Sistema FAEP realizaram reuniões e encontros em propriedades rurais, assentamentos e prefeituras, com um público estimado em 1,1 mil pessoas. Além disso, a campanha teve divulgação nos veículos de comunicação do Oeste.

“O Sistema FAEP apoiou diretamente essa ação. Esse projeto-piloto, cuja proposta é expandir para outras áreas da defesa agropecuária, promoveu a integração entre a agência e a sociedade por meio da educação sanitária”, explica Nicolle Wilsek, técnica do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP.

“É preciso ampliar a importância do controle dessa doença e garantir a proteção dos nossos rebanhos comerciais”

**Ágide Eduardo Meneguette,
presidente interino do Sistema FAEP**

Saiba como identificar casos de raiva

A raiva em herbívoros é transmitida, entre outras formas, por morcegos hematófagos (que se alimentam de sangue de animais). Entre os sintomas da doença estão o isolamento do animal, apatia ou agitação, perda de apetite, salivação intensa e dificuldade para engolir, fezes secas e escuradas, e progressiva paralisia dos membros.

“Diante desses sinais clínicos, a doença é praticamente irreversível e fatal para os animais acometidos”, alerta Rafael Gonçalves Dias, chefe do Departamento de Saúde Animal da Adapar.

Se um produtor suspeitar de raiva em algum animal do rebanho, a orientação é: isolar o animal suspeito, notificar imediatamente à Adapar e não mexer ou manipular o animal sem proteção. “É importante que quando o animal morrer, o produtor solicite a visita da Adapar para coletar uma amostra. Além disso, ações importantes são reforçar a vacinação no entorno da propriedade, identificar possíveis abrigos de morcegos e monitorar os demais animais da propriedade”, orienta Dias.

Confira os municípios onde a vacinação é obrigatória

Boa Vista da Aparecida	Medianeira
Braganey	Missal
Campo Bonito	Planalto
Capanema	Pérola d'Oeste
Capitão Leônidas Marques	Quedas do Iguaçu
Cascavel	Ramilândia
Catanduvas	Realeza
Céu Azul	Rio Bonito do Iguaçu
Diamante d'Oeste	Santa Lúcia
Foz do Iguaçu	Santa Tereza do Oeste
Guaraniaçu	Santa Terezinha de Itaipu
Ibema	São Miguel do Iguaçu
Itaipulândia	Serranópolis do Iguaçu
Lindoeste	Três Barras do Paraná
Matelândia	Vera Cruz do Oeste

Outros cuidados

O chefe do Departamento de Saúde Animal da Adapar enfatiza que, mesmo em municípios onde a vacinação não é obrigatória, o ato de imunizar o rebanho previne que animais suscetíveis sejam infectados caso o vírus chegue até aquela área. “Mesmo sem obrigatoriedade legal, vacinar ajuda a formar uma ‘cobertura imunológica’, que reduz o risco de propagação desde as áreas de foco. Vacinar antecipadamente constitui uma medida preventiva responsável e vantajosa, independentemente de obrigatoriedade legal”, reforça.

Segundo Nicolle Wilsek, técnica do Sistema FAEP, há medidas complementares que ajudam na prevenção da raiva e de outras doenças que podem afetar os rebanhos. “É preciso seguir boas práticas sanitárias, como manter o registro detalhado de vacinações, investir em capacitação contínua, incluir cláusulas de sanidade em transações de animais e promover a conscientização de cuidados pessoais no manejo”, destaca.

Prevenção



um ato
a favor
da vida

O Sistema FAEP reforça a importância da conscientização e prevenção ao câncer de mama e de colo do útero e ao câncer de próstata. Entre outubro e novembro, a entidade realiza uma série de ações sobre o tema.

Com o auxílio e envolvimento dos sindicatos rurais, o Sistema FAEP apoia iniciativas que incentivam os cuidados com a saúde, como exames regulares e hábitos que promovam bem-estar e qualidade de vida.

Confira os registros das campanhas do Outubro Rosa & Novembro Azul realizadas por sindicatos rurais em todo o Paraná.



Sindicato Rural de Cambará



Sindicato Rural de Centenário do Sul



Sindicato Rural de Coronel Vivida



Sindicato Rural de Campina da Lagoa



Sindicato Rural de Céu Azul



Sindicato Rural de Francisco Beltrão



Sindicato Rural de Altônia



Sindicato Rural de Campo Largo



Sindicato Rural de Chopinzinho



Sindicato Rural de Guarapuava



Sindicato Rural de Assis Chateaubriand



Sindicato Rural de Cândido de Abreu



Sindicato Rural de Cianorte



Sindicato Rural de Jacarezinho



Sindicato Rural de Londrina



Sindicato Rural de Palmeira



Sindicato Rural de Santa Terezinha do Itaipu



Sindicato Rural de Terra Roxa



Sindicato Rural de Manoel Ribas



Sindicato Rural de Palotina



Sindicato Rural de São João do Ivaí



Sindicato Rural de Ubiratã



Sindicato Rural de Mariluz



Sindicato Rural de Pitanga



Sindicato Rural de São José da Boa Vista



Sindicato Rural de Uraí



Sindicato Rural de Mauá da Serra



Sindicato Rural de Ponta Grossa



Sistema FAEP



ANDIRÁ

CLASSIFICAÇÃO DE GRÃOS

Um grupo de 11 participantes foi capacitado pelo instrutor Pedro Henrique Bovo Cortinove, entre 14 e 16 de julho.



CENTENÁRIO DO SUL

BIOJOIAS

Finalizado em 29 de agosto, 11 participantes participaram do treinamento com o instrutor Gabriel Augusto de Campos Esteves.



IRATI

APICULTURA INTERMEDIÁRIO

Nos dias 25, 26 e 27 de agosto, nove participantes realizaram o curso com o instrutor Cesar Ronconi de Oliveira.



ANTÔNIO OLINTO

APICULTURA AVANÇADO

Viabilizado pelo Sindicato Rural de São Mateus do Sul, dez participantes foram treinados pelo instrutor Israel Eugênio Blaskievicz, de 6 a 9 de outubro desse ano.



GOIOERÊ

OPERAÇÃO DE DRONES

Em parceria com o colégio agrícola local, 34 alunos foram orientados pelo instrutor Xisto Roque Pazian Neto, entre 25 a 27 de agosto.



JUSSARA

CONSTRUINDO COM BAMBU

Em parceria com a prefeitura municipal e o Sindicato Rural de Cianorte, dez participantes foram capacitados pela instrutora Cleide Ferreira Mattos, entre 15 e 17 de outubro.



MARMELEIRO



PALOTINA

PLANTAS AROMÁTICAS E MEDICINAIS

Ofertado pelo Sindicato Rural, o curso realizado pelo instrutor Renato Jose Stefanoski capacitou 11 participantes, nos dias 13, 14 e 15 de outubro.



QUARTO CENTENÁRIO

MARKETING NO AGRONEGÓCIO

Durante o mês de agosto, o curso ministrado pela instrutora Tania Dirlene Ratz Gerstner e organizado pelo Sindicato Rural de Goioerê reuniu 13 participantes.



NOVA LONDRINA



PAULO FRONTIN

ARTESANATO DE PRODUTOS APÍCOLAS

Na turma finalizada em 1º de outubro, dez participantes foram treinados pelo instrutor Israel Eugênio Blaskievicz. O treinamento foi viabilizado pela Regional de Iriti.



UBIRATÃ

PRODUTOS E EXPERIÊNCIAS DO TURISMO RURAL

Realizado em 16 de outubro, dez participantes foram capacitados pelo instrutor Clovis Aparecido Alves Palozi.

VIA RÁPIDA



Para o controle do colesterol

A semente de girassol é uma excelente fonte de proteína e gordura saudável, que contribui na saúde geral e para mais energia no dia a dia. O petisco pode ser consumido cru, torrado ou utilizado em receitas. Isso porque a semente é rica em vitaminas E e B1, minerais como magnésio, ferro, cálcio, além de fibras que ajudam na digestão e controle do colesterol. Fica a dica!

Uma verdadeira máquina

O coração é um órgão fascinante. Ele bate cerca de 100 mil vezes por dia, bombeando entre cinco e seis litros de sangue por minuto. Além disso, possui seu próprio sistema elétrico, o nó sinoatrial, que o mantém batendo e o permite pulsar mesmo fora do corpo, desde que haja oxigênio.



Uma imagem vale mais que mil palavras

O cinema mudo surgiu no final do século 19, como a primeira forma de narrativa cinematográfica. Como não havia gravação de som, a música ao vivo acompanhava as sessões para criar atmosfera. Os atores exageravam nas expressões faciais e nos gestos para transmitir emoções. Mesmo sem diálogo, os filmes mudos consagraram estrelas como Charlie Chaplin e Buster Keaton.

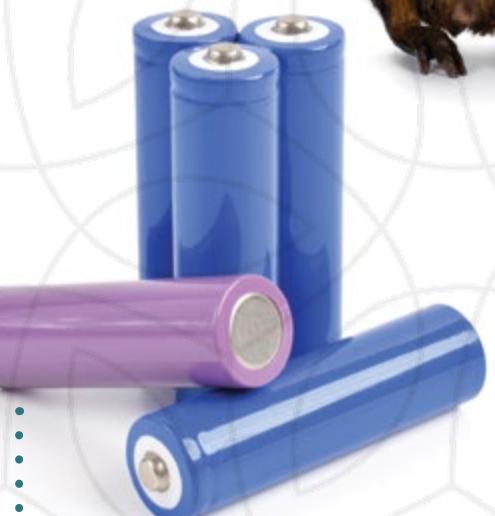


Pé vermelho

Essa expressão, utilizada para descrever a população da região Norte do Paraná, está relacionada ao fato da coloração avermelhada do solo, devido à decomposição de rochas basálticas ricas em óxido de ferro. Esse tipo de solo é fértil, o que justifica a região ser uma potência na agricultura, principalmente no cultivo de grãos.

Amigo da natureza

A cutia é um mamífero roedor frugívoro, que se alimenta de frutas e sementes. Apesar de pequeno, o animal contribui para o ecossistema, pois tem o hábito de carregar as sementes por longas distâncias e enterrá-las no solo, como forma de estocar alimento. Essa prática favorece a manutenção da diversidade de árvores.



O tiro saiu pela culatra

Vendo o filho chegar da escola com um olho roxo, a mãe, preocupada, pergunta o que aconteceu.

- Briguei com outro menino da minha sala, responde o filho.
- Que coisa mais feia!, exclama a mãe.
- Amanhã você vai levar um chocolate para ele e vocês fazem as pazes.

No dia seguinte, o menino chega em casa com o outro olho roxo.

- O que foi que aconteceu desta vez?, pergunta a mãe.
- Agora ele quer outro chocolate, disse o garoto.

Pilhado nesta ideia

As pilhas e baterias estão presentes no dia a dia, pois exercem um papel fundamental no funcionamento de vários equipamentos. Mas quando a pilha “acaba”? Esse tipo de material não pode ser descartado como lixo comum, para evitar a liberação de materiais pesados e substâncias tóxicas ao meio ambiente. Por isso, após o uso, é preciso armazenar em local seco e buscar por pontos de coleta.

FOTO DO CLIMA

Quer ver sua foto do clima publicada no Boletim? É fácil! Basta entrar na seção **Clima**, do site sistemafaep.org.br ou pelo **app** do Sistema FAEP.

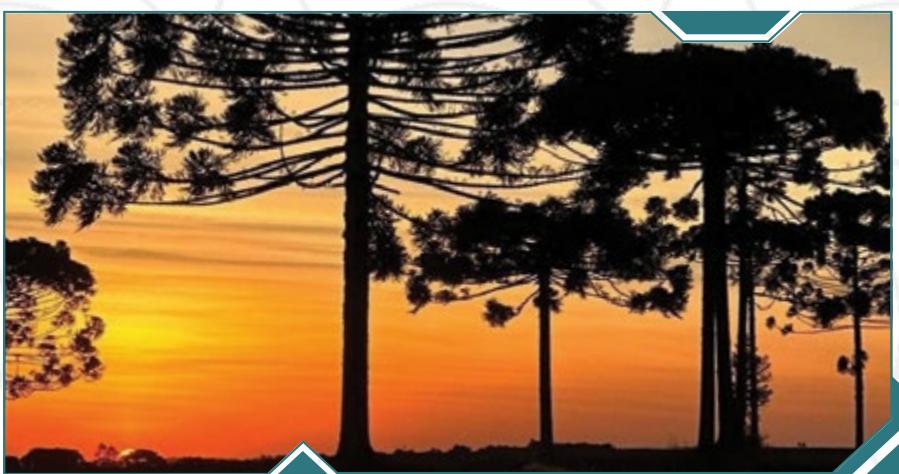


Foto: Fábio Andreolli - Chopinzinho, PR

Acompanhe **24 horas por dia** o que o Sistema FAEP está fazendo

Siga nossas redes sociais



Facebook
Sistema Faep



Instagram
sistema.faep



Youtube
Sistema Faep



Twitter
SistemaFAEP



Linkedin
sistema-faep



Flickr
SistemaFAEP

SISTEMA FAEP



Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

- **FAEP** - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@sistemafaep.org.br
- **SENAr-PR** - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senapr@sistemafaep.org.br

Endereço para devolução:
Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em _____ / _____ / _____
Em _____ / _____ / _____ Responsável

Siga o Sistema FAEP nas redes sociais

